

HOMEM E NATUREZA: PRODUÇÃO DE “VERDADES” NO CINEMA DE ANIMAÇÃO

Gisele Ruiz Silva

Prefeitura Municipal do Rio Grande
gisaruizsilva@gmail.com

Camila da Silva magalhães

camilapedag@gmail.com

Discussões sobre educação ambiental, natureza e meio ambiente vêm tomando corpo nas últimas décadas. A crise ambiental que se instala no planeta é, sem dúvida alguma, forte motivadora de intensas pesquisas no campo científico, assim como tema frequente em outras instâncias sociais. Interpeladas por tais discussões, traçamos como objetivo de pesquisa discutir as representações de homem e de natureza produzida pela mídia cinematográfica da última década. Neste texto, porém, optamos por limitarmo-nos a um recorte do material empírico pesquisado e dedicarmo-nos às análises dos excertos extraídos dos filmes de animação *Madagascar* (2005), *Madagascar 2: A Grande Escapada* (2008) e *Madagascar 3: Os Procurados* (2012).

Nesta tarefa assumimos como referencial teórico o campo dos Estudos Culturais na vertente pós-estruturalista e, ainda, algumas contribuições de Michel Foucault, especialmente no que se refere aos contornos metodológicos. Na análise empreendida aqui, interessou-nos dar visibilidade às representações de homem e de natureza uma vez que estas, de alguma forma, passam a corroborar determinadas verdades.

A mídia cinematográfica como pedagogia cultural

Para a perspectiva dos Estudos Culturais, a produção cinematográfica é um artefato cultural. Segundo Silva (1999), as mídias, ao apresentarem suas mensagens, articulam informação e entretenimento e, nesse processo, nos ensinam “verdades”, modos de ser e de viver, produzindo identidades e subjetividades. Esta possibilidade de ensinar formas de vida é que os autores do campo dos Estudos Culturais vão denominar de pedagogia cultural e tais veículos ou instrumentos, de artefatos culturais. Nesse sentido, a cultura está para além dos espaços cotidianos, está imbricada na produção de diversos significados compartilhados por grupos sociais.

Nesse contexto, a mídia tem sido uma grande propagadora de significados, fabricando modos de vida e constituindo sentidos que nos atravessam e participam no processo de produção cultural. Um dos atributos que fazem com que a mídia tenha uma força potente é a rapidez com que ela se propaga e atinge seus telespectadores. Entendendo a mídia – no nosso caso, o cinema – como um artefato cultural, podemos encontrar nos filmes estratégias de fazer com que quem os assiste, sintam-se identificado com os personagens, com o enredo, com as imagens, com as falas. Essa identificação permite que passemos a nos utilizar do que consumimos, influenciando na produção de conceitos na vida cotidiana de cada um. De acordo com Wortmann,

[...] é em função disso, que ganha importância discutir como meios de expressão/produção cultural, tais como a televisão, o cinema e a literatura (um tipo de produção que de certa forma nos poderia conectar a outros tipos de sociedade) valem-se dos muitos e diferenciados discursos que circulam em tais sociedades, instituindo múltiplas representações que passam a marcar os sujeitos e as suas visões de mundo (2004, p. 152).

Entendendo que a mídia produz significados, buscamos analisar o cinema como parte de uma rede de artefatos que trazem consigo muitas representações sobre assuntos que permeiam a vida cotidiana dos espectadores. Assim, pode-se dizer que os filmes são considerados artefatos culturais, pois trazem consigo uma gama de significados, aos quais se multiplicam rapidamente entre os meios de comunicação.

Exercício de análise: ferramentas teórico-metodológicas em ação

Neste trabalho dedicamo-nos a analisar as representações de homem e de natureza presentes na sequência cinematográfica Madagascar. Para tanto, apropriamo-nos do material empírico, mapeando nos filmes os excertos que se remetessem ao nosso objetivo. Seguindo os ensinamentos do filósofo francês Michel Foucault (2010), o que nos interessa aqui é manter as análises no nível do dito, ou seja, não há a intenção de buscar sentidos ocultos nas narrativas, o que nos importa é o que de fato foi falado, narrado e/ou aquilo que, embora não verbalizado, é dito por meio de imagens, neste caso, por meio das cenas em que as tramas se desenvolvem. A esse respeito, Foucault destaca que ainda que os discursos sejam feitos de signos, eles não os utilizam apenas para designar coisas. Eles, os discursos, fazem mais que isso. “[...] É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse ‘mais’ que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever” (2010, p. 55).

Examinando o material empírico, notamos que nos três filmes fica evidente a naturalização no meio urbano, local onde eles estavam completamente acostumados com as tecnologias e à rotina da cidade, além de enunciar uma visão de natureza como um lugar onde o homem não deve dominar. Isso fica evidente em um dos excertos quando, após chegarem à ilha, os animais do zoológico perguntam aos habitantes do lugar se lá há homens, na expectativa de que assim pudessem ser ajudados. Em seguida as lêmures nativas de Madagascar apontam para um esqueleto pendurado em uma árvore. Nessa sequência de cenas, seguem as seguintes falas:

Leão Alex: - Vocês não têm uns vivos? [referindo-se aos homens]

Lêmure: - Não, só mortos. Também se tivesse muito homem vivo por aqui esse lugar não iria se chamar natureza, não é não? (MADAGASCAR, 2005).

O diálogo entre estes personagens evidencia duas representações diferentes a respeito da presença do homem: para o leão e seus companheiros seria uma possibilidade de resolver seus problemas; para a lêmure habitante da ilha, uma ameaça. A expressão da lêmure transmite a ideia de que homem e natureza não podem coexistir: onde há um, não pode haver o outro. A esse respeito, Marise Basso Amaral problematiza um dos aspectos que marcam os tempos modernos: a posição ocupada pelo homem como centro do mundo. Segundo a autora,

[...] o olhar hegemônico sobre a natureza, construído através das representações hegemônicas dominantes de natureza que habitam os livros de história e contos, os livros didáticos, as revistas científicas e os meios de comunicação de massa continuam a constituir uma identidade social que vê na natureza o diferente, o oposto da cultura (2004, p. 146).

Dessa forma, a partir da relação estabelecida entre homem e natureza, uma rede complexa de significados se constitui, permitindo diversas representações pelas mais variadas instâncias sociais e culturais. Assim, posicionamentos como: “Isso é que é vida!”; ou “Imagina poder voltar para a selva! De volta para as raízes, ar fresco!”; ou ainda “Voltar para a natureza? Tá maluco? Essa é a pior ideia que eu já ouvi! É anti-higiênico!” (MADAGASCAR, 2005) nos possibilitam problematizar o quanto aquilo que dizemos sobre as coisas não são as coisas em si, e sim representações dadas a partir de nossas experiências, de nossa cultura.

Para os animais vindos do zoológico, atravessados por diversos aspectos da cultura nova-iorquina – marcadas pelas cenas de massagem vivida pelo hipopótamo fêmea Glória e pelo suculento bife servido como refeição ao leão Alex, por exemplo – a natureza é representada por ideias negativas, onde “a poça d’água seca” (MADAGASCAR 2, 2008), que “contém pobres animaizinhos que poderão ser caçados” (MADAGASCAR 3, 2012) e possui “fogo selvagem” (MADAGASCAR, 2005). Em contrapartida temos as narrativas da lêmure habitante da ilha de Madagascar, assim como dos pinguins – que incitam a zebra Melman a fugir do zoológico, dando início à história – as quais apontam a natureza como um “espaço aberto” (MADAGASCAR, 2005), lugar de liberdade.

Nesse sentido, as representações que construímos a respeito do homem e da natureza – assim como de outras coisas – são, segundo Foucault (2009), permeadas por relações de poder que mantém a sociedade em funcionamento. Tais relações são

marcadas por aspectos dos campos político e econômico que criam verdades sobre o mundo, criam formas de ser, viver e estar no mundo. Imerso no jogo das relações de poder, vemos acontecer o jogo das representações sobre a natureza e o homem em relação a ela. Em relação a isso, Carvalho (2014, p.1) afirma que “assim se constrói a imagem de uma relação antagônica e excludente onde de um lado estaria a Natureza e do outro a Humanidade, a Cultura, as relações sociais”. Segundo a autora, os artefatos midiáticos evocam ideias de natureza, vida biológica, vida selvagem, flora e fauna. Essas imagens de natureza não são como pretendem se apresentar, um retrato objetivo e neutro, um espelho do mundo natural, mas traduzem certa visão de natureza, uma visão naturalizada da natureza.

Essa visão ‘naturalizada’ tende a ver a natureza como um mundo de ordem biológica, essencialmente boa, pacificada, equilibrada, estável em suas interações ecossistêmicas, o qual segue vivendo como autônomo e independente da interação com o mundo cultural humano. Quando essa interação é focada, a presença humana amiúde aparece como problemática e nefasta para a natureza. (CARVALHO, 2008, p.35) [grifo da autora]

Os excertos anteriormente citados corroboram a ideia do homem como aquele que destrói, contamina, polui. E esse potencial midiático é que nos auxilia nas discussões sobre as representações e a reverberação de conceitos. As cenas dos filmes abordados nos trazem questionamentos sobre a ação humana no mundo e o distanciamento entre homem e natureza.

Considerações Finais

Destacamos que entre os principais achados da análise que empreendemos até aqui está a forma como os animais dos filmes se posicionam de maneiras muito diferentes com relação à natureza. Para os animais do zoológico, a presença humana torna-se uma necessidade e até possibilidade que resolução dos problemas vivenciados por eles. Já o grupo de animais nativos, a presença humana na selva é uma ameaça que deve ser banida.

Ressaltamos que as representações de homem e de natureza estão postas em relação. Todavia, é o homem o elemento primeiro, o centro da ação: aquele que salva os

com quem convive ou aquele que destrói o ambiente do qual não participa. Isso nos permite apontar que não importa qual seja a ação do homem, positiva ou negativa em relação à natureza, ele ainda assim é o centro e a natureza é algo que está fora, longe do meio urbano, algo raro, inabitável pelos hábitos humanos.

Referências

AMARAL, Marise Basso. Natureza e representação na pedagogia da publicidade. In.: COSTA, Marisa Vorraber e VEIGA-NETO, Alfredo (orgs.). *Estudos Culturais em Educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* 2.ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 143 – 171.

CARVALHO, Isabel. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. Educação para sociedades ambientalmente justas. p. 1 – 9. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12857634/educacao-para-sociedades-sustentaveis-e-isabel-carvalho>. Acesso em: 18 março 2014.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. *Microfísica do poder*. 9ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.

MADAGASCAR. Direção: Eric Darnell e Tom McGrath. Produção: Mireille Soria, Teresa Cheng. 1 DVD 86 min. DreamWorks Animation SKG, 2005.

MADAGASCAR 2: os procurados. Direção: Eric Darnell e Tom McGrath. Produção: Mark Swift, Mireille Soria. 1 DVD 89 min. DreamWorks Animation SKG, 2008. Título original: Madagascar: escape 2 Africa.

MADAGASCAR 3: a grande escapada. Direção: Eric Darnell. Produção: Mark Swift, Mireille Soria. 1 DVD 93 min. DreamWorks Animation SKG, 2012. Título original: Madagascar 3: Europe most wanted.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

WORTMANN, Maria Lúcia Castagna. Por que se valer do cinema, da mídia, da literatura, da televisão para discutir a natureza/ambiente?. In: ZAKRZEWSKI, Sônia Balvedi; BARCELOS, Valdo. (Orgs.). *Educação Ambiental e Compromisso Social*. Erechim: EdIFAPES, 2004. p. 147-161.